

Artigos

O português, sua variação e seu ensino na África: exemplos de Angola, Caboverde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe

Potuguese, its variation and teaching in Africa : example of Angola, Mozambique, São Tome and Principe, Cape Verde and Guinea-Bissau

Bruno Okoudowa *

RESUMO: A língua portuguesa chegou nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) pela colonização. No continente, entrou em contato com línguas da grande família linguística, Niger-Congo A e B. Do A, temos línguas faladas em Guiné-Bissau que são línguas do grupo mande como o Balanta, o Manjaco, o Pepel, o Mandinka. Do B, temos línguas faladas em Angola e Moçambique que são essencialmente línguas do grupo banto. Como exemplo, temos: o Kimbundu, o Umbundu, o Kicongo, o Chokuê etc em Angola; o Changana, o Kisuáili, o Nyanja, o Zulu etc em Moçambique. O contato do português com as línguas africanas gerou crioulos de base portuguesa nas ilhas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. O presente trabalho tem por objetivo, analisar a realidade linguística dos PALOPs e apontar alguma pista para os problemas que encontram no ensino da língua portuguesa. Já que o ensino monolíngue do português tem mostrado seus limites nos países africanos de língua oficial portuguesa. Para melhorar essa situação, pensamos que o ensino da língua portuguesa deve integrar as línguas nativas africanas desses países.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa. Línguas africanas. Crioulos. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT: Portuguese language came to african Official Portuguese-Speaking Countries (PALOP) by colonization. In the continent, it gets in contact with african languages from big families : Niger-Congo A and B. From A, we have languages spoken in Guinea-Bissau wich are from Mande group : Balanta, Manjaco, Pepel, Mandinka etc. From B, we have languages spoken in Angola and Mozambique wich are essentially Bantu languages : Kimbundu, Umbundu, Kicongo, Chokue etc in Angola; Changana, Kiswahili, Nyanja, Zulu etc in Mozambique. The contact between portuguese and african languages had engendered creoles of portuguese bases in Guinea-Bissau and in islands of Cape Verde and São Tome and Principe. This work aims to analyse PALOP's linguistics reality and to suggest some solutions for portuguese teaching problems because the monolingual portuguese teaching method had already shown its limits. To improve this situation, we believe that portuguese language teaching should integrate african languages as well.

KEYWORDS: Portuguese language ; african language ; creoles ; teaching and learning.

* Prof. Adjunto da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira). okbruno@unilab.edu.br

1. Introdução

A língua portuguesa chegou nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) pela colonização. No continente, entrou em contato com línguas da grande família linguística, Níger-Congo A e B. Do A, temos línguas faladas em Guiné-Bissau que são línguas do grupo mande como o Balanta, o Manjaco, o Pepel, o Mandinka etc. Do B, temos línguas faladas em Angola e Moçambique que são essencialmente línguas do grupo banto. Como exemplo, temos: o Kimbundu, o Umbundu, o Kicongo, o Chokuê etc, em Angola; o Changana, o Kisuáíli, o Nyanja, o Zulu etc em Moçambique. O contato do português com as línguas africanas gerou crioulos de base portuguesa em Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

O presente trabalho tem por objetivo, analisar a realidade linguística dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): principalmente, a Variante Angolana do Português (VAP). O trabalho é baseado no estudo de Nzau (2011). Trata-se de uma abordagem contrastiva e sociolinguística. Para finalizar, vamos apontar alguma solução para os problemas que encontram os professores no ensino da língua portuguesa nesses países.

2. Chegada da língua portuguesa nos PALOP

A língua portuguesa saiu de Portugal com os portugueses nos séculos XV e XVI. Chegou na África nas seguintes datas (em ordem cronológica):

Quadro 1. Entrada da língua portuguesa no continente africano.

Datas	Países	Personagens
1) 1446	Guiné- Bissau	Álvaro Fernandes
2) 1460-1462	Cabo- Verde	Antonio de Noli e Diogo Afonso
3) 1470 e 1971	São Tomé e Príncipe	João de Santarém e Pêro Escobar
4) 1482	Angola	Diogo Cão
5) 1498	Moçambique	Vasco da Gama

Fonte: Autor.

Caso de Angola

Independência: 11/11/1975.

Quais são as línguas nativas de Angola?

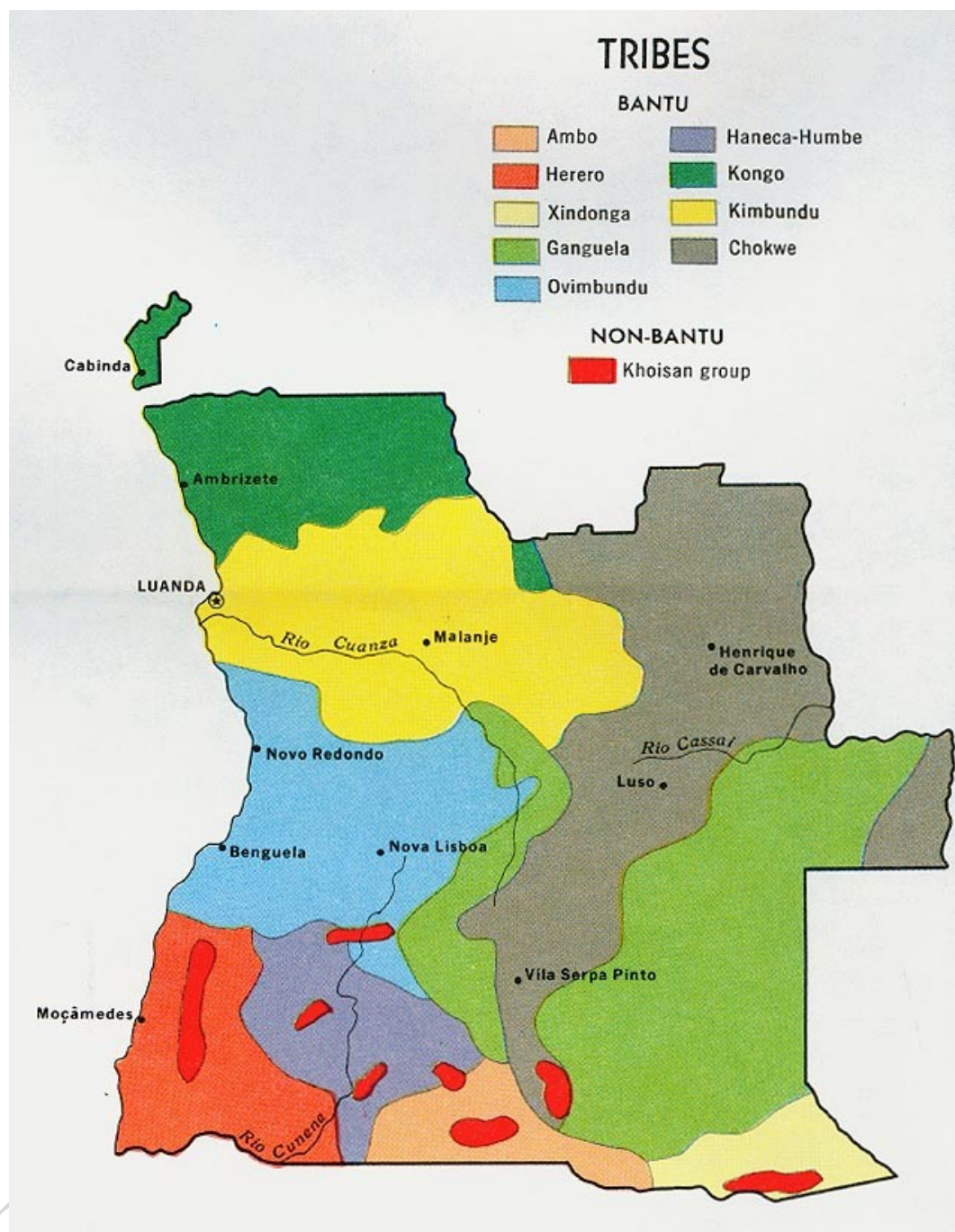


Figura 1. Línguas nativas de Angola. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Chokwe_people#/media/File:Angola_tribes_1970.jpg

Tabela 1. Línguas Nativas de Angola

	Línguas
Verde	1. Quicongo
Amarelo	2. Quimbundu
Azul Claro	3. Ovimbundu

Cinza	4. Chokwe
Salmão	5. Ambo
Rouxo	6. Nyaneca-Humbi
Verde claro	7. Ngangela
Amarelo muito claro	8. Oxindonga
Vermelho	9. Herero
Laranja	10. Não bantas

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Chokwe_people#/media/File:Angola_tribes_1970.jpg

Porém, apesar desse grande número de línguas e seus dialetos, o português permanece como língua oficial. Isto é, língua da escola e da administração. É a segunda língua mais importante do país com cerca de 26% de falantes maternos. É ultrapassada apenas pelo Umbundu (30%). Mas posiciona-se muito à frente do Kimbundu e do Kicongo com 16 e 8% dos falantes respectivamente (Hodges, 2002: 46-47 *apud* Nzau, 2011:22).

O português é falado por cerca de 90% da população angolana. O que é um caso atípico na África, segundo Hodges (*op.cit.*).

3. Como é a convivência entre essas línguas?

O primeiro caso é o da convivência das línguas nos sujeitos falantes. Isto é, raramente se encontra africanos monoglotas. O sujeito pode até não falar uma outra língua além da sua língua materna. Mas, geralmente, entende alguma coisa da língua oficial ou a do vizinho, já que convivem e circulam no mesmo espaço ou território.

O segundo caso é o da convivência é o da realidade fora do sujeito. Isto é, na sociedade. As sociedades africanas são multilíngues. Isto é, além das línguas nativas, há as línguas européias trazidas pelos colonizadores. O que gera uma troca muito dinâmica. No caso de Angola, dessas 10 línguas, a que mais contribuiu com empréstimos na língua oficial é o Kimbundu, língua banta do grupo H.

Antes de falar da contribuição dessa língua no português falado em Angola, vamos descobrir as grandes famílias linguísticas africanas e algumas características gerais das línguas bantas.



Figura 2. As cinco grandes famílias lingüísticas africanas. Fonte: https://simple.wikipedia.org/wiki/Languages_of_Africa#/media/File:African_language_families_en.svg

Características das línguas bantas (LBs):

- 1) Os substantivos são caracterizados pelos prefixos que indicam números: singular e plural. Ex: a própria palavra **Banto** ‘pessoas’ é o plural de **Munto** ‘pessoa’ em várias línguas desse grupo lingüístico;
- 2) A maioria das LBs é tonal: o tom é fonêmico. Isto é, apresenta uma função gramatical e semântica. Ex: em Lembaama (B62 - Gabão), temos Mbá ‘nozes’ e Mbà ‘fogo’. São tons pontuais. As únicas LBs sem tons são: o Kissuahili e o Comorense;

- 3) O sistema vocálico é simétrico: comporta uma vogal central e um número idêntico de vogais anteriores e posteriores, respectivamente i, e, ε (anteriores); u, o, o (posteriores). São 5 a 7 vogais em geral;
- 4) Há presença de um grande número de consoantes prenasalizadas (plosivas bilábias, palatais, fricativas etc: **mp, mb,mbv,nt, nd, nk, ng, nl, nz, ns, nts, ndz** e cliques: dentais, retroflexo, palatal... Ex: !xhosa;
- 5) Os verbos são derivaconais. Sua morfologia é mais complexa do que a dos substantivos. Exemplos de verbo e seu derivado: Kubata ‘conseguir’/’apanhar’/’ter’/’ganhar’ podemos ter Kubatana ‘estar e/ou ser apanhado (em Ifiote/Ibinda - Angola).

O conhecimento dessas características gerais das LBs é muito importante, do ponto de vista didático, principalmente para os docentes e dicentes da língua portuguesa (LP) em países onde essas línguas e o português são falados (Nzau, 2011: 58).

4. Contribuição do Kimbundu no Português falado em Angola:

Comparando a Variante Angola do Português (VAP) com o Português Europeu, temos uma diferença em vários planos:

4.1 Fonético

Vocálico:

As vogais **e** e **o** são realizadas de maneira mais aberta em Angola, na posição inicial ou intermédia com algumas variações no nível prosódico. Distingue-se as realizações tônica aberta [ɛ], média [e] e muda [ə].

Exemplos:

Quadro 2. Exemplos vocálicos

VAP	PE
1) Comportamento do e	
Dedo [dɛdu]	Dedo [dødu]
Vestido [vɛʃtidu]	[vøʃtidu]

Necessidade [nɛsɛsɪdɐdɛ]	Necessidade [nɛsɛsɪðãðɛ]
2) Comportamento do o	
Bolo [bɔlu]	Bolo [bolu]
Bonito [bɔnɪtu]	Bonito [bunitu]
Local [lɔkã ^w]	Local [lokal]

Fonte: Autor.

Observações:

- 1) O fonema **o** não se realiza [u] em português, no fim da palavra. No Kimbundu, este fonema tem o mesmo valor quer no princípio, quer no fim, variando apenas o grau de abertura.
- 2) As vogais **i**, **u** realizam-se como semivogais [y] e [w] quando combinam com vogais diferentes, o que remete para ausência de ditongos. Esta situação tem repercussão na grafia de palavras de origem africana incorporadas no Português. Por exemplo:
 - a) Luanda: Lwanda/Luanda (capital de Angola).
 - b) Cuanza: Kwanza/Kuanza (rio ou moeda de Angola).
 - c) Quiabo: Kyabu/Kiabu (legume).
 - d) Quianda: Kyanda/Kianda (Cidade em Kimbundu).
- 3) O **s** realiza-se [s] mesmo em posição intervocálica. Isso cria uma hesitação na grafia de certos vocábulos. Ex:
 - a) Disanga [disãŋga] não [dizãŋga] ‘bilha grande’ em Kimbundu.
 - b) Kusumba [kusũmba] não [kuzũmba] ‘comprar’ em Kimbundu e Kicongo.
- 4) O **c** é realiza-se [k]. Ex:
 - a) Candengue [kãndẽŋge] ou Kandengue ‘criancinha’.
 - b) Catinga [katĩŋga] ou Katinga ‘tipo de cheiro desagradável’ (cf. PB).

5) O **g** é realizado [g] e não [ʒ]. Não precisa de **u** para ter o som [g]. Porém, é prenasalizado [ŋg] (/ng/). A falta desse fonema no português europeu resulta no aportuguesamento de palavras bantas por acréscimo de fonemas (prótese, epêntese paragoge), quer por queda (aférese, síncope apócope). Ex:

- a) Ngola [ŋgɔla] vira Angola (prótese) ‘Topónimo e/ou antropónimo’
Ngola [ŋgɔla] vira Negola (epêntese) ‘marca de bebida angolana’
- b) Ngangela [ŋgɔŋgɛla] não Nganguéla ‘grupo etnolinguístico de Angola’.

6) A realização do **r** e do **R** não é frequente nas línguas africanas (nas LBs principalmente). Para suprir a essa carência, locutores de língua materna banta, sobretudo os menos escolarizados, recorrem muito ao som lateral [l]. Às vezes há uma alternância do [l] com [r]. Tem-se observado uma troca indevida ou deficiente do [r] pelo [R] (vibrantes fraca e forte) na Variante Angolana do Português (VAP) (Nzau, 2011:66).

Vejamos alguns exemplos:

Quadro 3. Exemplos r e R.

Palavras	VAP	PE
a) Faltar	[fartar] ? [fARTar]	[faltar]
b) Morreu	[morew] ? [mōrew] ? [molew]	[muREW]

Fonte: Autor.

7) As consoantes prenasalizadas: **mp, mb, mbv, nt, nd, nk, ng, nl, nz, ns, nts** e **ndz** são fonemas na maioria das LBs. Esses dígrafos se encontram em muitas palavras da VAP. Algumas são neologismos oriundo do encontro do português com línguas africanas de Angola. Exemplos:

- a) Kimbanda ou Quimbanda ‘curandeiro’; Mulembeira ‘árvore frondosa’
- b) Jindungo ‘piri-piri’ (tipo de pimenta muito ardente).

4.2 Plano morfológico

4.2.1 As classes nominais

Os nomes são classificados em classes (Cl.). Por isso que dizem que as línguas bantas são línguas de classes (Okoudowa, 2005). Vejamos as classes nominais do Kimbundu:

Quadro 4. Classes nominais do Quimbundo/Kimbundu

Cl.	Sg	Pl	Exemplos com tradução em português: sg / pl
1	mu-	a-	<i>mutu</i> ‘pessoa’/ <i>atu</i> ‘pessoas’
2	mu-	mi-	<i>mutue</i> ‘cabeça’/ <i>mitue</i> ‘cabeças’
3	ki-	i-	<i>kima</i> ‘coisa’/ <i>ima</i> ‘coisas’
4	ri-	ma-	<i>ritari</i> ‘pedra’/ <i>matari</i> ‘pedras’
5	u-	mau-	<i>uta</i> ‘arma’/ <i>mauta</i> ‘armas’
6	lu-	malu-	<i>lumbu</i> ‘muro’/ <i>malumbu</i> ‘muros’
7	tu-	matu-	<i>tubia</i> ‘fogo’/ <i>matubia</i> ‘fogos’
8	ku-	maku-	<i>kuria</i> ‘comida’/ <i>makuria</i> ‘comidas’
9	-	ji-	<i>mbinji</i> ‘peixe’/ <i>jimbinji</i> ‘peixes’
10	ka-	tu-	<i>Kamona</i> ‘criança’/ <i>tumona</i> ‘crianças’

Fonte: Autor.

De acordo com a tabela, podemos concluir que enquanto na LP a variação de gênero e número é feita com recurso a artigos (o, a, os, as etc) e morfemas gramaticais travados na parte final da unidade lexical, nas línguas bantas, os nominais organizam-se em classes representadas por grupos paritários de prefixos, que assim se designam por antecederem a base nominal, raiz ou núcleo semântico.

Por influência do processo de contato interlinguístico, verbos e nomes vão adquirindo formas novas. Entretanto, não há uniformização entre os neologismos ou Kimbundismos lexicalizados na língua portuguesa (Mingas, 2000:66).

No caso dos verbos da maioria das LBs, e do Kimbundu em particular, a lexicalização faz-se eliminando o prefixo do singular (aférese), adicionando à base verbal (paragoge) a desinência do infinitivo português.

Vejamos alguns exemplos:

Quadro 5. Morfologia do verbo em Kimbundu e no Português (Nzau, 2011:68)

Kimbundu	Lexicalização em Português	Significado em Português
1. Kuxinga	xingar	insultar
2. Kubaza	bazar	ir-se embora
3. Kukoxila	cochilar	dormitar
4. Kujinga	jingar	desfilar

Fonte: Autor.

Observações:

Nota-se que :

- 1) O infinitivo compõe-se de um prefixo: **Ku-** e de um tema verbal que termina geralmente em **-a**. O que é diferente da LP marcada pela ausência do prefixo, tendo como característica principal do infinitivo a desinência ‘-r’. Digamos **-ar** no caso dos verbos do primeiro grupo.
- 2) Podemos estabelecer um paralelismo entre o prefixo **Ku-** e o **To** do infinitivo inglês (Ex: **To** be, **to** call, **to** go).
- 3) Como o falante angolano raciocina dentro da lógica da sua língua materna banta, para ele, o artigo português pode confundir-se com o prefixo e sua função na língua materna (Marques, 1983: 219). É o caso em relação a construções do tipo:
 - a) *¹Os pai
 - b) *As casa
 - c) *Os pé me dói. (Mingas, 2000:67).

Em falantes angolanos com pouco domínio da língua portuguesa. Sendo o Kimbundu a língua materna do enunciador, uma língua banta, cuja flexão se opera a

¹ O asterisco indica “frases marcadas”, ou seja, que violam as regras da coesão frásica.

nível do prefixo, o raciocínio dentro da lógica dessa língua materna é susceptível de confundir o prefixo com o determinante. Nessa óptica, o falante pode não sentir necessidade de fazer a concordância com recurso a marca do plural. Portanto, a lógica do locutor, neste caso, é atribuir aos determinantes a função que os prefixos exercem na sua língua materna africana.

4.2.2. Os nominais

Nos nominais, ocorrem mais processos de lexicalização.

4.2.2.1. Casos de lexicalização apenas a partir do singular:

- a) Kyabo> Quiabo ‘tipo de legume’
- b) Kasule> Caçula ‘a/o última/o filha/o’

4.2.2.2. Casos de lexicalização a partir da perda de prefixo do singular:

- a) Dicota> Cota ‘mais velho’
- b) Dikamba> Camba ‘amigo’ (cf. ‘Cambada’ em PB)

4.2.2.3. Casos de lexicalização a partir da perda de prefixo do singular e do plural:

- a) Dika> Dica ‘informação’ (cf. PB)
- b) Maka> Maca ‘problemas/discussões/situações’

4.3 Plano sintático

Há uma complexidade tanto nos verbos quanto na sintaxe das LBs. Essa complexidade se expressa pela presença de prefixos de classes que regem o acordo entre o sujeito e os componentes do sintagma ou da sentença.

Observa-se uma tendência marcante da VAP a próclise, ou seja, a anteposição do pronome ao verbo. A VAP aproxima-se, mais do PB do que do PE. A influência das LBs é visível na posição do pronome. Por exemplo:

- 1) Linha 1: Ngamumonokya
 Linha 2: Nga/ mu/ mono/ kya
 Linha 3: S OD V ADV
 Linha 4: Eu o vi já
 Linha 5: 'Eu vi-o já/ Eu já o vi' (PE)

É natural que, ao usarem o português, os falantes do português (com pouco domínio das regras dessa língua) que têm uma língua banta como língua materna, façam a transferência das estruturas e dos esquemas da sua gramática intuitiva das línguas bantas para a gramática portuguesa. Por exemplo:

- 2) Linha1: *Jingombengamusumbu'ju*
 Linha2: Jingombe/ nga / mu / sumbu / ju
 Linha 3: OD S OI V OD
 Linha 4: Os bois eu lhe comprei os
 Linha 5: 'Os boiscomprei-lhos' (PE)

A ordem SVO encontra-se tanto no português, quanto no Kimbundu. Inferimos que o fato de as funções de OD e OI ocorrerem em Kimbundu, indiscriminadamente com o prefixo **mu-** no singular e **a-** no plural (= a ele(s), a ela(s), o(s), a(s), lhe(s) em português), pode ser responsável pela produção de enunciados como os que seguem:

- 3) * *Ele lhe viu no mercado* (produzido por um locutor jovem de ensino fundamental).
 Enunciado considerado agramatical no PE)
 4) *Fomos nós que levamos-lhe ao hospital* (produzido por um jovem do ensino médio).
 PE: *Fomos nós que o/a levamos ao hospital*

4.4 Plano semântico

A semântica é a base da demonstração de interferências resultantes do contato entre as línguas angolanas de origem bantas e o português. A semântica vista aqui como área que estuda o significado das expressões linguísticas (sejam elas fonemas, morfemas, palavras, sintagmas,

frases...), bem como das relações de significado que essas expressões estabelecem entre si e com o mundo (Porto Editora, 2003-2011).

Exemplos:

*O cabrito Malanjinho, nome dele é Sobral.

Fonte: Velhas Estórias, de Pepetela, p.13.

*Comem o dinheiro do senhor.

Fonte: Um velho de instrução primária (Luanda, 13/4/1999).

*A faca que estou com ela.

Fonte: Locutores angolanos de diferentes estratos sociais, sobretudo menos escolarizados.

Ainda que os exemplos supracitados não sejam representativos de todos os estratos sociais, é importante observar que se trata de uma realidade sociolinguística angolana do ponto de vista do uso da LP.

A análise da **frase 1**, acima, permite dizer que resulta de uma tradução direta provocada pela ausência do verbo ‘chamar-se’ em Kimbundu. Pois, os falantes suprem essa ausência usando a expressão nominal ‘meu nome é.../ nome dele é...’. Isso lembra a construção inglesa ‘My name is...’ apesar das LBs, na maioria, não terem o verbo ser nesse caso. Nota-se também que enquanto no PE o verbo chamar-se é reflexivo, com emprego transitivo (*O cabrito Malanjinho chama-se Sobral*), o seu equivalente em Kimbundu é uma construção predicativa (*O cabrito Malanjinho, nome dele é Sobral*).

Situação similar verifica-se em 2 e 3. **A frase 2** corresponde a ‘Gastou o dinheiro do senhor’. Em Kimbundu diz-se: ‘*Kudyakitadikya*’ (Literalmente: *comer o dinheiro de...*). Isso é comum em várias línguas africanas do grupo banto.

Há, portanto, mudança semântica ao nível dos verbos traduzida pela passagem do sentido ‘comer’ para ‘gastar’, embora a transitividade seja mantida ao nível dos verbos. **A frase 3** ocorre coloquialmente inclusive em indivíduos com alguma instrução, apesar de serem construções estranhas no PE, o tipo de enunciados em causa realiza-se na VAP por influência direta do Kimbundu, uma vez que há ausência do verbo ‘ter’ nessa língua. Assim, de acordo com Chatelain (1888-89), faz a vez deste verbo [subentendendo ‘ter’] a base verbal ‘-kala’(estar), seguida da preposição ‘ni’(com), isto é, ‘estar com’. Nesse mesmo sentido, Minga afirma que em Kimbundu nunca se diz ‘tenho fome’, ou ‘tenho uma faca’, ou ‘tenho um problema’, mas, sim, ‘estou com fome’ ou ‘a fome está comigo’, ‘estou com a faca’ ou ‘a faca (que) estou com ela’, ‘estou com um problema’ ou ‘o problema (que) estou com ele’. (Minga 2000:83 *apud* Nzau, 2011). Julgamos, pois, que a introdução do ‘que’ nesse tipo de construções

ocorre quando a frase inicia com o possuído e não com o possuidor, segundo Nzau (2011), conforme se pode comprovar nos exemplos abaixo:

Quadro 6.

Kimbundu	VAP	PE
a) Ngalanzala	‘Estou com fome’ ou ‘A fome que estou com ela’	‘Estou com fome’ ou ‘Tenho fome’
b) Ngala no poko	‘Estou com a faca’ ou ‘A faca que estou com ela’	‘Estou com a/uma faca’ ou ‘Tenho uma faca’

Fonte: Autor.

4.5 Plano lexical

É sem dúvida o plano com maior presença e também onde se encontram diferenças significativas entre a variante portuguesa de Portugal e de Angola. Partindo do princípio de que cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e lexicais (Biderman *apud* Nzau, 2011:73). Ora tratando de um país, como Angola, onde ao lado do português se realizam outras línguas, estas vão se interferindo e se enriquecendo mutuamente. No contexto dos PALOP, Angola, é talvez o país que mais tem enriquecido a bolsa lexical da língua portuguesa (Nzau, *op.cit.*).

O Kimbundu assume um papel predominante no universo das línguas nacionais que têm enriquecido a VAP. Já que é dela que emana a maioria dos neologismos (angolanismos/kimbundismo) presentes quer no PE, quer no PB. É o caso de palavras como:

Quadro 7.

Palavras	significados
Bazar	‘ir-se embora’
Bué	‘abundante’
Camba	‘amigo’
Cota	‘o mais velho’
Caçula	‘o mais novo dos irmãos’
Cafuné	‘carícias na cabeça’
Xingar	‘insultar’

Muamba	‘alimento’ [mercadoria no Br]
Samba	‘dança’
Maca	‘problema’/ ‘conflito’

Fonte: Autor.

Quadro 8.

Nomes e adjetivos	Significados
1) Banda	Terra de origem
2) Cumbu/massa	Meios financeiros, dinheiro
3) Desbunda	Diversão, distração, entretenimento
4) Muangolé	Indivíduo de origem angolana, angolano
5) Mboa	Indivíduo de sexo feminino, mulher, namorada
6) Mambo	Utensílio, coisa, objeto
7) Mbunda/ bunda	Quadris,nádegas, rabo

Fonte: Autor.

Quadro 9.

Verbos	Significados
1) Ancorar	Falir, empobrecer
2) Banzelar	Recordar, imaginar, pensar
3) Bumbar/Bulir	Exercer atividade, trabalhar
4) Bilar	Disputar, Lutar
5) Desbundar	Divertir, distrair, entreter, recrear
6) Dicar	Transmitir informações
7) Musongar	Comer sopa de peixe
8) Nduatar	Conduzir
9) Partir braço	Aproveitar-se de alguém, extorquir
10) Pentear	Estorquir, burlar, enganar
11) Zongolar	Difamar, mexericar

Fonte: Autor.

Observação:

Segundo Nzau (op.cit.), a maior parte de estudos sobre a Língua Portuguesa em Angola é feita, quase sempre, numa perspectiva, funcional e comparativa entre a variante do PE e a

VAP. A complexidade da situação lingüística angolana, resultante do multilinguismo, causa algum retraimento, tendo em conta as exigências e o rigor de uma investigação dialetológica. Entretanto, apesar da ausência de estudos, há termos de variação do português que, pese embora o fato de carecerem de fundamentação científica, costumam ser apontados. Por exemplo, quando as pessoas se referem ao Português do Norte ou do Sul, estão a falar implicitamente das variedades dialetais do português intrínsecas a Bacongo e Umbundu ou Ovimbundu e Cuenhama. Normalmente a nasalização e a transformação da dental [d] em apico-dental [ɖ] são, das características dialectais, aquelas que mais se apontam para distinguir o português falado nessas zonas de Angola.

Quanto às variações diastráticas, sendo mudanças que dizem respeito às diferenças entre camadas socioculturais, incluindo a linguagem técnica, gíria, calão, constituem, na realidade angolana, um campo de estudo com algumas reservas, uma vez que carece por definir a VAP considerada como norma, mas ainda, assim, bastante rico para análise, podendo, nesta óptica, representar alguns socioletos em circulação no universo angolano (Nzau, op. Cit. 75).

Quadro 10. Algumas expressões de gíria em Angola

Gíria	significado
1) Amarrar, bucar	Estudar
2) Dar cabrito ou mé	Passar por cima (da cabeça)
3) Dar ova ou caguero	Passar por entre as pernas
4) Dar jajão	mentir
5) Dar mbaia	Ultrapassar, passar na cara
6) Truta, barra	Indivíduo muito inteligente
7) Tchilar	Divertir-se

Fonte: Autor.

Quadro 11. Algumas expressões de calão em Angola

Calão	significado
1) Ambi	Algo que não presta
2) Ancorado	Falido
3) Birra	Cerveja
4) Carga	Nádegas enormes
5) Estar paiado	Estar em má situação

6) Fobado	Esfomeado
7) Grife	Traje de gala
8) Tass bem	Estas bem

Fonte: Autor.

5. Considerações finais

Como aponta Nzau (2011:64) na sua tese sobre o português falado em Angola e sua nacionalização: “O português falado atualmente em Angola é uma variante que expressa a angolanidade, uma característica enriquecida pelo perfume das línguas africanas [principalmente do grupo banto] (grifo meu) que lhe conferem uma sonoridade melódica, contendo, desde já, traços próprios proporcionados de existência autônoma.”

Uma solução que podemos apontar para os problemas que encontram no ensino da língua portuguesa nos PALOP é a seguinte: visto que o ensino monolíngue do português tem mostrado seus limites nesses países, para melhorar essa situação, pensamos que o ensino da língua portuguesa deve integrar as línguas nativas africanas desses países. Isto é, trata-se de formar uma mão de obra qualificada que deverá ensinar tanto as línguas africanas, quanto o português. Pois, a experiência demonstrou que as crianças alfabetizadas nas línguas africanas têm mais sucesso na escola do que as crianças alfabetizadas diretamente na língua estrangeira: o português, no caso.

REFERÊNCIAS

CHATELAIN, H. **Kimundu Grammar. Gramática Elementar do Kimundu ou língua de Angola**. Genebra: Typ. De Charles Schuchardt, 1888-89.

MARQUES, I. M. G. Algumas Considerações sobre a problemática lingüística em Angola. **Separata do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no Mundo**. Lisboa: I Volume, 1983, p.205-223.

MINGAS, A. **Interferência do Kimundu no Português falado em Luanda**. Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2000.

NDELE NZAU, D. G. **A língua Portuguesa em Angola** – Um contributo para o Estudo da sua Nacionalização, 2011. 203p. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. Disponível em http://www.adelinotorres.com/teses/Domigos_Ndele_Nzau.pdf. Acesso em 18 de setembro de 2014.

OKOUDOWA, B. **Descrição preliminar de aspectos da fonologia e da morfologia do lembaama**, 2005. 102p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PORTO Editora. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2003.

Artigo recebido em: 10.05.2015

Artigo aprovado em: 14.06.2015

Letras & Letras